

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Portugues

Editor:

AGOSTINHO F. ROCHA

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARAES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—RUA ELIAS GARCIA, 46 — Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—Rua Elias Garcia, 45 GUIMARÃES

Generosidade e Patriotismo

Durante o periodo que decorreu, desde que o nosso jornal não saiu, muito de extraordinario se passou no scenario politico do nosso pais.

Aberta a crise do ministério Ramos Preto, a opinião republicana logo se manifestou a favor dum ministério saído das esquerdas da Camara, por ser o que melhor correspondia ás necessidades do momento.

O povo republicano assim o entendia, porque está cheio de governos que tem pretendido resolver a situação critica do pais, com panos molhados. Só, com medidas radicais e decisivas, se poderá achar a solução dos problemas relativos á nossa situação economica e financeira, e á crise das subsistencias.

A situação Domingos Pereira que, com a supremacia directa ou indirecta deste politico, se arrastou, desde o 13 de Fevereiro até ao ministério Antonio Maria Batista, nada produziu de bom efeito, levando o pais á desordem e á anarquia, a ponto de ser preciso escrever com uma espada o programa simples, mas muito significativo de ordem publica; ordem publica.

E todavia a situação Domingos Pereira era das mais moderadas e susceptivel de satisfazer os desejos e opiniões que tantos parvos para ai advgam.

Falra, portanto, a idea dos governos moderados, na epoca que atravessamos, e a opinião republicana entendeu e bem que só um governo formado das esquerdas da Camara poderia corresponder aos desejos do povo republicano.

O sr. Presidente da Republica, seguindo as praxes constitucionais, conyidou a formar ministério varias individualidades politicas que depuzeram o seu mandato, em virtude de não encontrarem colaboradores. Em resumo: não era possivel formar um governo com maioria nas Camaras, a não ser o que se formasse do bloco das esquerdas. Havia grupos que constituíam o chamado bloco das direitas que queriam ir ao poder, mas com a dissolução do parlamento.

O sr. Presidente da Republica, porem, não daria a dissolução, enquanto fosse possivel constituir governo com o parlamento actual. E, depois de esgotadas todas as tentativas, chamou a Belem o ilustre estadista sr. Antonio Maria da Silva, encarregando-o de formar ministério. Este imnente homem publico organizou, em pouco tempo, um governo constituído por homens que, pela sua competencia, se impunham á consideração e confiança do pais. Nele colaboravam: democraticos, populares e socialistas.

De todas os pontos do pais irromperam calorosas manifestações de agrado ao novo governo. O povo republicano, aquelle que nas horas de perigo não falta, mostrava se

satisfeito com a nova situação. Mas, a pesar de todo, mal este governo se apresentou ao parlamento, alguns daqueles, a quem na vespera tinha sido oferecido o poder e lhes não foi possível aceitá-lo, moveram-lhe uma guerra desleal, sem que elle tivesse ainda dado as suas proví. Posta a questão de confiança, o governo obteve a maioria. Mas o sr. Antonio Maria da Silva, querendo demonstrar que não era a ambição do poder que o dominava, mas tão somente a vontade de dar ao seu pais o melhor da sua energia e do seu valor, numa hora critica, e vendo que lhe não era prestado aquelle concurso leal de que precisava para resolver problemas urgentes e de magna importancia para o pais, preferiu demittir-se. E aqueles que com a sua ambição o levaram a proceder assim tão nobremente e que deviam estar preparados para lhe succeder immediatamente, deixaram que a crise se arrastasse por longos dias, até que por fim um deles, o mesmo que tinha apresentado a moção de desconfiança, o sr. Antonio Granjo, pôde constituir um governo sem vida parlamentar.

Se o sr. Antonio Maria da Silva adoptasse o principio do «fio como te fão», por certo que o governo do sr. Granjo cairia no proprio dia em que subiu ao poder; mas o sr. Antonio Maria da Silva quiz desviar o inimigo do precipicio em vez de o empurrar. Patricou um acto de generosidade, mas sobretudo um acto de alto patriotismo. E' assim o procedimento dos grandes homens. E' assim que eles se elevam no conceito das gentes. Enquanto que o governo do sr. Antonio Maria da Silva recebeu manifestações de simpatia, o do sr. Antonio Granjo recebeu-as de desagrado. O governo do sr. Granjo não tem, pois, a confiança do povo republicano.

Jeronimo Rocha

NOTARIO E ADVOGADO

Cartorio do escrivão Nogueira.



CASA ROCHA

Completo sortido em confeitaria



OS ESCANDALOS DA DISSIDENCIA

ROUBO DUM PROCESSO

PRISÃO ARBITRARIA DO CHEFE DA POLICIA

Ha dias correu, com surpresa geral, pela cidade, a noticia de que o Dr. Moreira Sampaio que, como presidente da Camara, está servindo de administrador, havia prendido o chefe da policia, sr. Francisco Gonçalves da Cunha, dentro da sua propria repartição.

Todos quantos conhecem o sr. Francisco Cunha e o Dr. Moreira Sampaio logo perceberam que não podia deixar de se tratar duma injustissima arbitrariedade, pois que o sr. Cunha tem sido sempre um funcionario zelosissimo, um bom republicano e homem de bem e, do sr. Dr. Moreira Sampaio, já são bem notorios os seus instintos ferinos, a falta de escrupulos com que é capaz de torcer a justiça para cevar os seus ódios, fulcro unico que norteia toda a sua acção politica, as manhas saloias de que é fertil a sua esperteza de rato.

Tratamos de averiguar como as coisas se passaram e soubemos o seguinte.

Ha tempos, por instigação de pessoas de Gondomar, que lidam de perto com a dissidencia, organizou-se um processo contra um pedreiro daquela freguesia, que era acusado de ter matado um filho, que, realmente, desaparecera. Nada se provou, porém, e, enviado o acusado para o Poder judicial, este mandou-o em liberdade. O acusado não se deu por satisfeito e tratou, primeiro, de procurar o filho que lhe fugira e, depois, tendo-o encontrado e, assim, mostrado, bem evidentemente, que o não matara, deu a sua queixa na administração contra as pessoas que, caluniosamente, o tinham acusado, pois não lhe faltavam elementos com que pudessem provar ter havido má fé da parte delas.

Nessa altura ainda o Dr. Moreira Sampaio não estava servindo de administrador: interrogaram-se testemunhas, organizou-se o processo e, findas as averiguações, foi pelo chefe da policia apresentado ao Dr. Moreira Sampaio para assinar os depoimentos.

Chegou o Dr. Moreira Sampaio a assinar alguns mas quando reparou do que se tratava e que no caso estava gravemente comprometido o seu «correligionario», Adolfo Antunes de Olivei-

ra Guimarães, proprietario da referida freguesia de Gondomar, irritou-se, repreendeu desabridamente o chefe da policia por ter organizado esse processo, riscou a lapis de cór as assinaturas que já tinha feito e ordenou que o processo ficasse sobre a mesa do gabinete do chefe da policia, até ao dia seguinte. Isto passava-se á noite.

No dia seguinte, pela manhã, quando o chefe da policia entrou no seu gabinete, ainda o processo estava sobre a mesa: ao meio-dia, teve de ir ao tribunal no cumprimento duma intimação, e, quando voltou, deu pela falta do processo, averiguando, rapidamente, que tinha sido roubado.

E, agora, começa a grande scena. O administrador do concelho, «cujo gabinete é contiguo ao do chefe, com porta de comunicação», chama o chefe e pergunta-lhe pelo processo; este, atrapalhadissimo, responde, primeiro, evasivamente, ainda com a esperança de que se encontrasse o processo, acabando depois por confessar a verdade; que o processo lhe fóra roubado de cima da sua secretaria. O Dr. Moreira Sampaio, aparentando-se furibundo, fala-lhe em penitenciairia, dá-lhe voz de prisão, demite-o de chefe da policia e manda, com todo o aparato, levantar um auto contra ele. Conservou-o preso durante 24 horas e depois mandou-o, ainda sob prisão, para a cadeia, acusando-o de ter feito desaparecer o processo!

E' assombroso! Pois o chefe da policia havia de ter feito desaparecer um processo que por si proprio havia sido organizado? Que interesse podia ter nisso?

A quem aproveita o desaparecimento do processo? Evidentemente que só ao «correligionario» da dissidencia, Adolfo Antunes, que nele estava seriamente comprometido.

E, se, realmente, havia sinceridade da parte do Dr. Moreira Sampaio quando prendeu o chefe e o acusou de ter feito desaparecer o processo, se nessa ocasião já se tinha modificado tanto a sua opinião que passava a indignar-se pelo desaparecimento dum processo que, na vespera, á noite, quisera inutilisar, riscando as assinaturas já feitas e recusando-se a fazer as que faltavam, porque é que não mandou organizar, imediatamente, outro processo, o que, aliás, lhe seria tão facil, pois dispõe ainda de todos os elementos para tanto? Porque é que o Dr. Moreira Sampaio não mandou procurar

os fragmentos do processo quando primitivamente lhe disseram que havia sido rasgado? Porque é que se contentou em mandar para a cadeia um funcionario contra quem nenhum indicio ha de ser o responsavel por tal delicto, quando tantos abundam contra si proprio? Porque é que não aniquila as suspeitas que contra si pode haver, reorganizando o processo e refazendo a prova que no antigo havia contra o seu «correligionario» Antunes?

A estas perguntas responderá a consciencia limpa dos que nos lêem. Trata-se de mais um criminoso escandalo da dissidencia, demonstrativo duma absoluta carencia de dignidade e de escrupulos.

São dispensaveis os comentarios: basta a luz dos factos, expostos com esta singeleza.



Casa Rocha

Laranjadas e Gazosas
a 24 centavos



FURTO ESCANDALOSO

Ao Procurador da Republica
juato da Relação do Porto

Em successivos numeros deste jornal, temos chamado a atenção do representante do Ministerio Publico nesta comarca para um furto que nesta cidade se deu, em Março passado, de todo o mobiliario que se encontrava na sede do Centro Democratico Viamaranense. Esse mobiliario pertence ao Estado que o alugou a um correligionario nosso.

Temos indicado como responsavel por esse furto um individuo desta cidade que dá pelo nome de Antonio Lopes de Carvalho e que já em publico confessou a sua responsabilidade em meia duzia de parvoíces com que julgou defender se.

O sr. delegado até hoje não se impiedou de promover, como determina a lei, visto que se trata dum crime publico a que corresponde pena major, se averiguesse o que ha de verdade em tudo isto e seja chamado a responder pelo seu delicto quem por elle ajare conhecido responsavel. Rasões terá por certo para tomar tal attitude e possível será que não nos seja difficil descobri-las se nós dermos

ao cuidado de as investigar. Entretanto permitimo-nos chamar a atenção para este assunto do M.^o Procurador da Republica que é de esperar que pense de uma maneira muito diferente da do seu delegado nesta comarca.

VARIA

UMA SINDICANCIA

Para proceder a uma decantada sindicancia ao Inspector de Circulo Escolar de Guimarães e á professora Miranda de Barros, chegou a esta cidade um funcionario do Ministerio de Instrução.

Não sabemos se se tratará de mais uma «para inglês ver»; do que temos conhecimento é de que o sindicante se instalou na casa do Dr. Florencio Lobo, numa das salas onde este tem feito funcionar essa coisa que dá pelo nome de Escola Primaria Superior de Guimarães.

Ora o Dr. Florencio é um dos «ilustres ornamentos» da dissidencia, que todos sabem que protege o inspector, e assiste aos depoimentos das testemunhas que o sindicante vai ouvindo.

Por aqui, avaliamos o resto.

TESOURARIA DE FINANÇAS

Parece que ainda o Padre Caldas é tesoureiro de finanças deste concelho! Para na respectiva repartição se obter o «grande favor» da venda de selos, gasta-se tanto tempo e dá tanto trabalho como se tivéssemos de ir por eles a Lisboa!

Quando será que certos funcionarios publicos se convencerão de que o Estado lhes paga para que nos sirvam e não para que façam de nós seus criados?

SUBSISTENCIAS

Afinal sempre chegaram esses milhares de quilos de açúcar que se fazia ter a Camara mandado vir e sobre a sua distribuição falaremos oportunamente.

Mas, a respeito do milho, de centeio, de pão, que providencias tem tomado a Camara para que esse genero não falte e não se venda pelo preço exorbitante que estão exigindo a tanto miseravel que por aí se arrasta morrendo de fome?

E, a propósito: não seria agora uma boa ocasião, enquanto não se faz a distribuição do novo remessa de açúcar, que a austera dissidencia desse contas duns sacos de açúcar que consta terem ido para casa do sr. Agostinho das Neves, criatura cujas intimas aflições com o sr. Moreira Sampaio, presidente da Camara, ninguém desconhece?

Para que diabo nos poderá servir o órgão do pessoal menor, se não para explicar estes e outros escandalos como que, caluniosamente, está claro—se pretende menos caber a honra impoluta dos senhores dissidentes?

UM TOQUE DESAFINADO

O corneteiro da dissidencia democratica, cá do burgo, encarregado de dar os toques da alvorada, lá da grei, deu-lhe para vir tocar destoadamente á nossa porta, procedendo a lara de qualquer beleguim que, fiado na impunidade da policia da terra, se compraz em incomodar os transeuntes que sossegadamente vão seguindo o seu caminho.

Em vão podiamos pedir providencias ao sr. administrador, porque o mesmo seria que exigir a causa a cessação do efeito. Resta-nos, portanto, o unico recurso de repreendermos o tunante, exigindo-lhe mais respeito pelo sossego dos habitantes da cidade.

Ora venha cá, sr. corneteiro: você, que imaginou vexar nos, em dar-nos o titulo de firma comercial, incluindo nela o nome duma criatura com quem nada temos, mas que consideramos honrada bastante para enfileirar ao lado da dissidencia na distribuição de senhas de açúcar ás meninas bonitas; você, que tentou humilhar-nos e que veio, pelo contrario, enaltecer-nos e honrar-nos, porque somos nós, efectivamente, Barbosa, Rocha e Almeida, com exclusão do tal nome emprestado, quem está a frente de «A Velha Guarda», desde que ela apareceu na sua segunda fase e que não temos dado, felizmente, o espectáculo triste que a dissidencia deu, quando eliminou do cabeçalho do seu jornal os nomes dos seus mais graduados bachareis, para os substituir pelos de dois pobres diabos em troca de dois lugares de empregados menores do liceu; você, que nos veio encontrar no mesmo lugar, onde quiseamos collocar-nos, sempre fieis aos principios e sempre defendendo o ideal sublime da Republica, e nele continuando sempre fixos, até que a dissidencia dê a alma ao creator; você vai dizer-nos, quando foi que nós aqui lhe provocamos o seu desafinado toque. Por certo, você, sr. corneteiro, acordou estremunhado e veio para a rua tocar sem saber o quê. Mas, posto que da nossa parte tivesse havido qualquer afirmação que pudesse tornar verdadeiro o anúncio do cornetun, qual o motivo de tanta preocupação no meio dissidente? Acaso não é bem conhecida de todos os republicanos a politica nefasta para a Republica, que o sr. Dr. Domingos Pereira tem feito em todo o distrito e principalmente neste concelho, dando protecção a meia dúzia de ambiciosos, cujo unico ideal é a barriga e que, para se empoleirarem nas cadeiras do Municipio, se obrigaram (oh imbecilidade humana!) a mendigar os votos dos inimigos da Republica?

Ignora alguém porventura, a obra nula dos dissidentes, desde que tomaram posse da Casa do Povo de Guimarães, onde tem manifestado as mais evidentes provas de incompetencia?

Quem se não lembra do caso da luz das Taipas e do papel ridiculo que a Camara representou? E do que se passou em Pencello, com a tapagem dum caminho público, a ponto de haver alteração da ordem e a imprensa se ter manifestado contra a attitude da Camara nessa questão, quem é que se não recorda? Quem não tem reparado no estado de limpeza da cidade, em que o lixo se amontoa e as ruas parecem lamieiros? Quem não tem visto os trabalhadores da Camara serem desviados das serviços da cidade para irem fazer avenidas para a porta dos sns. vereadores?

Qual é o vimaranense que não sente ainda nojo do que se passou com a distribuição das senhas de açúcar? O que tem feito a Camara no que diz respeito a subsistencias? Onde estão os mananciais de agua proclamados no sermão da posse, visto que os fontanários vão sendo fechados como dantes? Quais os melhoramentos que a Camara tem feito? Para que se leu um sermão tão promettedor, se a cidade se encontra no statu quo dantes da dissidencia?

E o dinheiro do jogo de Vizela de que tantas vezes aqui temos pedido contas, sena que até hoje ninguém nos tenha respondido?

Quem esqueceu o furto da mobilia que estava sob a responsabilidade da Direcção do Centro Democratico, para ser utilizado em mobilar um salão da Sociedade M. Sarmento, centro de reacção vimaranense? E o arvorecillo em Vizela, privando aquela formosa estancia da sombra de tão boas arvores, não tendo os arboricidas ao menos mandado aterrar os buracos que fizeram para as arrancar, a ponto duma avenida se encontrar quasi intransitavel e isto na epoca balnear? Quem desconhece a politica monarchica que a dissidencia tem feito?

Ai, sr. corneteiro, sr. corneteiro, que, se a memoria nos não falta, dar-lhe-iamos ainda mais assunto, para tocar aos seus correligionarios dissidentes! Mas é necessário já uma memoria de ferro. Vá, no entanto, tocando nestas coisas aos seus amigos e, para que não volte a incomodar-nos o ouvido com os seus toques destoantes e a desoras, aconselhamo-la a mudar de instrumento, tocando noutra coisa mais suave e mais util.

Toque, toque nestas coisas aos seus amigos e dignos também que não ha retretes limpas na cidade e que o microtono do Campo da Feira está pedindo lugar mais apropriado.



CASA ROCHA

Especialidade em artigos de mercearia



QUE PARELHA!

Houve quem não gostasse de que no nosso penultimo numero, quando nos referiamos á demissão do administrador do concelho, empregássemos o termo «parelha», citando os Drs. Florencio e João Almeida. Mais ainda entenderam que havia uma contradição entre esse termo e o brilhante artigo de fundo que, no mesmo numero saiu, assinado pelo illustre escritor que é Mario Cardoso.

Mas que culpa temos nós de que se julgue que a palavra parelha só serve para cavalgadas? Acaso o artigo de Mario Cardoso, aliás da sua unica responsabilidade, visto que o assinou, nos podia impedir que, por exemplo, ferisse a nossa atenção a facilidade com que, ás vezes, o cretinismo duns emparelha com a falta de caracter de outros?

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros
Terrestres e Maritimos

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500:000\$00

SÉDE NO PORTO

Rua de Trás, 7—2.º (aos Loios)

Agente geral em Guimarães

Agostinho Fernandes Rocha.

RUA DA REPUBLICA, 144

DESFAZENDO INFAMIAS

Um per odico da terra. «Vil Sem Gente», vasado ro onde cerebros mesquinhos de certos costumam avaliar, sem respeito pela consideração que devem aos que os toleram, os sentimentos dos outros pelos seus proprios, tentou num suolto infame abocanhar a ultima Festa de Glorificação aos Mortos da Grande Guerra, que foi feita no Regimento n.º 20. Como as ofensas devem sempre tomadas como da parte de quem veem, vindo esta do «Vil Sem Gente», como tal não é considerada; porem, como pode haver boas almas que acreditem e julguem como verdadeiro o tal suolto, vamos publicar as passagens do discurso a que no periódico se allude, para que toda a gente, comparando, possa ver a peçonha noventa em que molhou a pena o escriba do suolto:já Nuno Alvares Pereira soube conquistar ao invasor de Aljubarrota a corôa que ambicionava para o rei Português, desfaldando sobre uma pilha de corpos ainda queates o simbolo sacrosanto da independencia Se no passado tivemos um Fêbo Moniz e um Marquês de Pombal, um Panto Ribeiro e um Fernandes Tomás, tivemos ha bem pouco tempo um Miguel Bombarda, um Arriaga, um França Borges e temos ainda o Antonio José de Almeida, o Magalhães Lima e um Afonso Costa capazes de assegurar a integridade e honra nacional

Leram? Compara-se por acaso o Frei Nuno com França Borges? Julguem portanto, ilustrados leitores, o descaramento com que o tal «Vil Sem Gente» mente, como tenta sujar uma festa grande pelo alto significado que deve ter para todos os Portugueses dignos de tal nome. Talvez que «aquilo» seja obra de qualquer despeitado heroi da Jareira, como lhe chamava José Maria de Alpoim, que heroicamente se poz ao longe dos combates de Africa e de Flandras, como costuma per-se longe, quando os seus correligionarios lhe batem á porta em occasões de sacrificios para a «monarquia», devido á maldita doença que sempre o acomete nestas occasões.

OBITUARIO

D. Maria da Piedade da

Silva Bastos

Na rua de Francisco Agra, nesta cidade, faleceu no dia 25 de julho passado a sr.^a D. Maria da Piedade da Silva Bastos, solteira, proprietaria de 54 anos. A extinta senhora era irmã dos nossos amigos snrs. Dr. Antonio José da Silva Bastos Junior, distinto advogado e notario, desta comarca e Dr. Alvaro José da Silva Basto, illustre professor da Universidade de Coimbra.

AOS AMIGOS DE «A VELHA GUARDA»

Muitocontrarios ao nossodeserjo, o nosso jornal não tem sido publicado com regularidade. Sabemos que muitos dos nossos amigos se tem mostrado desgostosos por isso, o que demonstra que ha grande vontade de que «A Velha Guarda» viva. Muito bem!

Nós tambem queremos que ela viva, e estejam descansados os nossos amigos, que ela viverá atravez de tudo.

As dificuldades que tem dado causa á irregularidade da sua publicação cremos tê-las resolvido, podendo quasi que afirmar que o jornal sairá todos os sabados de tarde.

Basta que os nossos amigos assinantes e colaboradores nos continuem ajudando nesta ardua tarefa.

«A Velha Guarda» é o labuarte da Republica, em Guimarães, e por isso tem jus a que todos os bons republicanos lhe dêem o seu auxilio.

Assim o esperamos.

CASAS

Vende-se uma, situada na rua 31 de Janeiro n.º 111.

Dirigir a Adolfo Balaia, rua do Tunel n.º 50—Foz do Douro.

Tambem se vendem duas casas da rua Trindade Coelho n.º 48, 50, 52 e 54.

Nesta redacção se diz.